

ORDEM E DESORDEM EM “OSCARINA”, DE MARQUES REBELO

Maria Clediane de Oliveira (UERN)

cledianeoliveira@hotmail.com

Manoel Freire (UERN)

manoelfr@gmail.com

Introdução

No ensaio “Dialética da Malandragem”, Antonio Candido traz uma discussão acerca do romance *Memórias de um Sargento de Milícias*, mostrando como a “dialética da ordem e da desordem” constitui o princípio estrutural da sociedade carioca representada na obra de Manuel Antonio de Almeida. A proposta de Candido tem como base a relação que os personagens estabelecem em uma sociedade em que existem dois polos – o da ordem e o desordem –, de modo que cada um deles está organizado de acordo com a posição que os personagens ocupam em um desses eixos: no hemisfério positivo da ordem estão aqueles que procuram agir em consonância com os valores da ordem social burguesa e, no hemisfério negativo da desordem, os que transgridem as leis e os princípios morais vigentes e vivem através de meios e expedientes ilegais. Esses dois universos convivem lado a lado, pois, como afirma Candido (2010, p. 37), “ordem e desordem se articulam [...] solidamente; o mundo hierarquizado na aparência se revela essencialmente subvertido”. Em virtude disso, os indivíduos circulam naturalmente entre um polo e outro, ora tendo um comportamento virtuoso e admirável, ora agindo em seu próprio favor e sem importar-se com as consequências dos seus atos.

Partindo dessa perspectiva apontada por Candido, podemos perceber que a ficção de Marques Rebelo também apresenta uma “ordem” que se comunica com uma “desordem”, um diálogo entre os universos do trabalho e da malandragem. Isso porque este escritor carioca, ao retratar o Rio de Janeiro da primeira metade do século XX, elege como espaço privilegiado para as suas narrativas as áreas suburbanas da cidade e, como personagens, escolhe aqueles que representam as camadas mais pobres e menos favorecidas socialmente. Entre o sonho de realização e o temor da miséria, esses indivíduos são empurrados para um mundo de marginalidade e violência, sendo, muitas vezes, levados a praticar atos ilícitos ou valer-se de expedientes ilegais que contrariam as normas e os princípios sociais vigentes.

É isso que podemos perceber no conto “Oscarina”, inserido em uma coletânea que apresenta esse mesmo título, publicada por Marques Rebelo em 1931. Sobre a recepção crítica na época em que o volume foi publicado, Bosi (2006, p. 437) afirma que ele “foi recebido com aplauso pela melhor crítica do tempo”. Frungillo (2001, p. 13) vai mais além e afirma que a publicação lhe proporcionou a “reputação de renovador da arte do conto entre nós”, sendo considerado, nesse período, como “o contista brasileiro por excelência”.

A história do conto se desenvolve em torno de Jorge e de sua trajetória. Este abandona a vida pacata e ordeira de estudante pobre na casa dos pais e busca no trabalho sua independência financeira e, como não consegue melhorar sua condição econômica, decide ingressar no Exército. A saída da casa dos pais e a entrada no quartel marcam as duas fases do protagonista, pois é a partir desse momento que o personagem começa a perder a identificação com o universo familiar, deixando para trás os princípios com os quais foi criado e preferindo a satisfação dos instintos e prazeres a ter que seguir uma vida honesta através do trabalho.

1. A configuração da ordem e da desordem em “Oscarina”

Jorge é filho do casal Augusto dos Santos e Dona Carlota. O pai é terceiro-oficial do Ministério da Marinha, um homem muito rígido e cheio de disciplina, já a mãe é uma dona de casa que dedica sua vida a cuidar da família e dos afazeres domésticos. Apesar dos poucos recursos financeiros, como é o caso da maior parte dos personagens de Marques Rebelo, Santos não media esforços para que Jorge desse continuidade aos estudos e se tornasse doutor, enchendo-se de prazer ao imaginar a glória e a satisfação que seria vê-lo formado: “Sempre era uma honra para a família e para ele, principalmente, que era o chefe [...] Que gozo! Doutor... Cantava-lhe nos ouvidos como uma música no céu” (REBELO, 2002, p. 19). Santos desejava que Jorge conseguisse um título que lhe permitisse ascender socialmente e obter uma vida melhor, mas este, por sua vez, nunca demonstrou muita dedicação aos estudos. Embora o protagonista almejasse a independência financeira, queria que fosse utilizando um caminho mais curto e eficaz e, por isso, acreditava que o “emprego” seria uma forma mais simples, fácil e rápida de conquistar.

Depois que o protagonista começa a frequentar ambientes como casas de jogos, clubes e festas, passa a desejar uma vida boêmia e livre, como viviam os membros da burguesia, de condições superiores à sua. Mas, dada a rigidez e a disciplina do pai, ficava difícil percorrer esses lugares tendo de cumprir à risca os horários que Seu Santos estabelecia para retornar à sua casa. Olhava com inveja a vida daqueles que conseguiam lucrar e progredir sem ter que gastar horas com livros e teorias e ainda tinham tempo para se divertir nas noites cariocas, pois essa era a vida que queria para si: “Precisava, quanto antes, mudar de vida, senão arreventava. Cair na gandaia como os outros, gozar enquanto era moço [...] Livre! Como seria outra a vida” (REBELO, 2002, p. 24-25).

O desejo de mudar de posição social passou a ser a necessidade mais urgente para o protagonista. Em sua concepção, a vida que o pai estava querendo lhe proporcionar o privaria de qualquer tipo de liberdade, ao passo que o trabalho representava a única forma de obter a independência financeira imediata e, assim, poder visitar os mesmos lugares que as pessoas de classe mais abonada frequentavam. Movido por esses interesses e pretensões, a primeira atitude de Jorge é abandonar a vida pacata de estudante pobre na casa dos pais, abrindo mão de uma mesada que, mesmo não sendo muito grande, era o suficiente para que vivesse sem maiores preocupações. Como queria um resultado mais rápido para seus esforços, decidiu entrar para o ramo comercial.

É interessante observar o tom pessimista que permeia o texto. Ao descrever como o protagonista decidiu deixar para trás sua vida antiga em busca de uma melhor, o narrador afirma que “É o destino”, sugerindo que não havia outro jeito e que nada poderia ser feito para evitar que o futuro reservava a Jorge. Essa visão fatalista está presente também nas demais produções de Marques Rebelo e constitui um traço marcante nesse escritor.

Em relação à atitude do rapaz em largar tudo, o narrador menciona que foi “uma grande cabeçada”. De fato, a partir daí começa seu declínio. Depois de dizer ao pai suas pretensões e de conseguir fazê-lo mudar de ideia após muita insistência, Jorge começa a trabalhar para “Sousa Almeida e Cia”. Acreditando que seria bem remunerado, Jorge cumpre suas tarefas com muito empenho e dedicação, no entanto, o que lhe espera é uma desilusão: “Cento e vinte mil-réis só. Deve ser engano, matutou, que de enganos anda o mundo cheio. Tinha a ingenuidade dos que saem dos carinhos caseiros, prenhes de facilidades e larguezas [...] Exploração é o que era” (REBELO, 2002, p. 15-16).

Jorge nunca tinha passado por grandes preocupações, estava acostumado a receber dinheiro sem dispendir grandes esforços, já que os pais protegiam e lhe davam o necessário, de acordo com as posses que tinham. Isso fazia com que ele ainda fosse alguém muito inexperiente que não conhecia a realidade na qual muitos indivíduos viviam, sendo

submetidos a duros trabalhos por uma quantia insignificante que mal dava para as necessidades básicas, muito menos para “gozar a vida” como tanto almejava. Na sua ingenuidade, pensa ter havido um engano no tocante ao valor recebido, custa a acreditar que o jeito fácil e rápido com o qual esperava ganhar dinheiro havia falhado e ele continuaria na mesma vida miserável, com a única diferença que antes, com a mesada que recebia do Seu Santos, tinha o dinheiro livre para fazer o que quisesse, ao passo que agora tem que pagar as despesas com almoço, transporte e alguns objetos que adquiria.

Enquanto vive sob a rigidez e a disciplina do Seu Santos, Jorge faz parte do mundo da ordem, isto é, do universo em que Candido (2010) situa os que procuram seguir os princípios e normas sociais. Contudo, à medida em que passa a agir por conta própria e tem a primeira decepção, uma espécie de primeiro choque com a realidade, começa a mudar de comportamento, procurando adaptar-se aos mecanismos sociais que tem diante de si: “Uma beleza o tal de trabalho dali por diante. Calma no Brasil! Nada de fazer força inutilmente, nada de canseiras [...] Bastava a experiência que tivera. Agora era tratar de não ser mais tolo” (REBELO, 2002, p. 26).

Ao perceber as consequências de sua escolha, o protagonista hesita um pouco vendo o que está deixando para trás, mas logo fica resoluto a seguir com seus planos, afinal, mesmo ganhando pouco ainda tem liberdade, e não quer perdê-la novamente, tendo de ficar a mercê da vontade de seus pais. É a partir daí que passa a aderir aos “encantos” da malandragem, percebendo que não adianta esforçar-se, cumprir com todas as obrigações e atividades se não será bem remunerado ao final do mês, de forma que a solução que lhe parece mais eficaz no momento é começar a levar o emprego na moleza, sem canseira nem preocupação. Com o decorrer de alguns anos, a vida parece se ajustar aos planos que o rapaz almeja:

Não tinha muito que se queixar, pois, agora, a vida corria-lhe mais ou menos como ele a concebera, vazia, vagabunda, com maxixes repincados e chorosos em clubes mambembes e noitadas orgíacas na *Mère Louise* (o automóvel pago por vaquinha) muito regadas a chopos e ditos pornográficos da Claudina, mulatinha do outro mundo, que já tomara lisol por ciúmes dum sargento da Polícia (REBELO, 2002, p. 27).

Jorge não consegue melhorar sua condição econômica através do trabalho, muito menos se torna independente. Como o seu verdadeiro objetivo é poder desfrutar de uma vida fácil, parte de seu plano se torna realidade, agora ele vive sem preocupações, sem responsabilidade, pode curtir as festas nas noites cariocas cheias de mulheres e regadas a muita bebida, mas isso só é possível porque ainda permanece vivendo à custa do pai. As expectativas e esperanças em relação ao rapaz alcançar um futuro promissor se tornam cada vez mais frustradas.

Quando já está acomodado e resignado com essa nova situação, Jorge reencontra Zita, uma antiga amiga de infância e apaixonou-se por ela, mas o grande problema viria em seguida, quando a pede em casamento: “Ao chegar em casa, deitado na cama, pronto para dormir, é que se lembrou da face financeira da proposta. Como poderia se casar com duzentos e cinquenta mil-réis por mês?” (REBELO, 2002, p. 29). Aqui o protagonista volta para o mesmo dilema que presenciamos no início do conto: a necessidade de um trabalho, desta vez para poder casar. Zita é filha de um oficial do Exército que depois se tornou major, possui os atributos para ser considerada uma boa esposa e dona de casa dedicada, mas a falta de recursos ainda é o grande empecilho para Jorge. Pelo fato de a moça também fazer parte desse universo, o leitor poderá ter a impressão de que o protagonista abandonará o mundo das festas e farras e se voltará para o ambiente doméstico e familiar. No entanto, como não tinha posses, traça outro plano para sua vida: “Pronto, tinha uma ideia! Uma ideia brilhante e salvadora!

Iria assentar praça no Exército como voluntário. Teria assim um ano e tanto de espera forçada, quando saísse entraria para um ministério” (REBELO, 2002, p. 30).

Ironicamente, o desejo de conquistar a independência financeira leva Jorge à ingressar no Exército. Entretanto, em vez de um ambiente cheio de disciplina, como era de se supor, havia um universo de futilidades e corrupções, assim, não tarda para o protagonista descobrir que os superiores ameaçam aqueles que não cumprem as regras, mas muitas vezes tudo isso se resume a simples palavras, sem que ninguém seja punido. Tudo isso faz com Jorge passe a conviver em uma condição ambígua, conciliando a rigidez do quartel e os desregramentos da malandragem.

Em uma de suas folgas, Jorge conhece Oscarina, personagem que dá título ao conto e provoca ainda mais mudanças na vida do rapaz:

Conheceu Oscarina no Mafuá de Botafogo, defronte à barraquinha das argolas [...] - Bonita. É aqui que você trabalha? - É. Quer entrar? Encostava-se, balançando-se, na grade de ferro, tentadora, provocando [...] Preferia morrer a perder uma sequer daquelas noites delirantes. Sentia desvendado para ele o segredo da vida. Que de revelações, de êxtases, peito contra peito, desejo contra desejo, a sua mocidade e a juventude dela. Com que olhos diferentes via as manhãs e as noites [...] Com que sofreguidão, à noite, se lançava nos braços mil vezes antevistos e desejados durante o dia (REBELO, 2002, p. 33.34).

Oscarina é em tudo o oposto de Zita. Enquanto esta tem o perfil da mocinha de família, tradicional, casadoira, aquela, por sua vez, incorpora o perfil da mulata bonita e sensual, que em nada representa o modelo proposto pela sociedade burguesa: é liberal, vive um relacionamento com Jorge sem a necessidade de formalização através do matrimônio e sem preocupar-se com os valores e os princípios que são impostos ao sexo feminino, em primeiro plano está a satisfação dos prazeres.

As próprias circunstâncias em que eles se encontram ocorrem de formas diferentes: Zita é antiga amiga de infância, o que sugere a ideia de inocência, pureza, docilidade; ao passo que o encontro com Oscarina se dá no Mafuá de Botafogo, e ela concede intimidade para um rapaz que até então era desconhecido, inclusive levando-o para dormir na casa onde trabalha logo na primeira noite em que o vê. Os atributos e traços físicos desta personagem lembram o que Trigo (1996, p. 40) menciona quando afirma que em seus livros o escritor Marques Rebelo ajuda na construção de um modelo de mulher tipicamente brasileiro, ou, de forma mais específica, carioca: “não a musa inalcançável do ideal romântico, mas a mulher concreta, carnal, com sangue nas veias e pródiga em curvas, no corpo e no temperamento. Cheia de amor para dar”.

É importante notar a linguagem empregada pelos personagens e pelo próprio narrador. Conforme muda o ambiente, percebe-se o uso de expressões, gírias e toda uma forma de se comunicar que também é diferente da que Jorge utilizava anteriormente. Oscarina aparece “rebolando”, “balaçando-se” na grade de forma “tentadora”, provocante. Além disso, as noites eram “delirantes”, Jorge pensava nos momentos de “êxtases”, desejos, na hora em que se lançaria aos braços “antevistos e desejados” da mulata. Verifica-se, portanto, o domínio de termos que remetem a um mundo de sensualidade, satisfação dos prazeres e valorização dos instintos. Esses elementos já não pertencem à esfera da ordem, mas a desordem, e a presença dessa nova mulher na vida de Jorge marca sua transição para este segundo universo, de modo que a partir daí ele só irá declinar, retroceder:

- Você tem de sair à paisana, benzinho.
- Se alguém me vê e der parte eu tomo cadeia.

- Você tem de sair – batia o pé [...]

Dava, com dificuldade, o laço na gravata, que estava perdendo o jeito de ser paisano e saía, se fosse para o xadrez – melhor. Caía na dança. Oscarina suava acemente nos seus braços, reclamava quando ele apertava demasiadamente [...] deixou por três domingos seguidos de ir em casa e recebeu um bilhete aflito da mãe, indagando se estava doente e informando que a Zita tinha ido saber notícias dele, já que não aparecia. Ficou aborrecido, espichado na cama, machucando o papel nas mãos ásperas de tanto lixar cano de carabina (REBELO, 2002, p. 36).

A mudança de comportamento de Jorge é evidente. Ele, como oficial do Exército que era e, portanto, de uma instituição forte e rígida, deveria prezar pelo cumprimento da lei. No entanto, a cada dia que passa mais se distancia delas e, ao fazer isso, afasta-se também de tudo aquilo que lhe remete ao mundo da ordem, como deixar de visitar a família, por exemplo, e até mesmo a noiva, esquecendo-se do compromisso que o levou a assentar praça como oficial. Um aspecto que confirma esse afastamento das normas, da lei, pode ser percebido quando o rapaz aceita realizar os caprichos de Oscarina, indo para uma festa sem sua farda – já que esta não queria ir acompanhada de um soldado – isso mesmo sabendo que corria o risco de ser preso. Sabe-se que a farda não é uma vestimenta qualquer, pois ela representa a instituição à qual o indivíduo pertence, de modo que quem a veste assume um compromisso de cumprir com seus deveres e obrigações, funcionando até mesmo como elemento distintivo entre o sujeito que serve a um determinado órgão ou instituição e o cidadão comum, podendo implicar em punição por indisciplina o fato de o indivíduo não usá-la quando estiver em serviço. Neste sentido, quando Jorge sai sem o fardamento é como se ele estivesse destituindo-se da lei, libertando-se das normas e princípios.

Ao aderir aos encantamentos da malandragem e ingressar no universo da desordem, Jorge começa a perder a identificação com o espaço familiar e com tudo aquilo que viveu anteriormente, quando pertencia à esfera da ordem ou do trabalho: “Sentiu-se acanhado, fora de seu meio, como um estranho na sua casa; [...] Não quis ficar para jantar, alegando que dera uma fugida e podia ser observado, o que era o diabo assim em véspera de exame (REBELO, 2002, p. 37).

Diferente de quando se sentia protegido com as demonstrações de afeto da mãe, agora passa a se incomodar, uma vez que não corresponde mais às manifestações de carinho de sua família, nem mesmo consegue permanecer muito tempo ao lado deles; sente-se um estranho de sua própria casa, de seus parentes, de si mesmo, pois já não mais se reconhece dentro daquele ambiente. Essa estranheza revela que Jorge não partilha dos mesmos valores, dos mesmos princípios. O protagonista afirma para a mãe e para a namorada que irá realizar concurso pensando em melhorar os seus ordenados, mas o narrador deixa claro que o motivo não era a ascensão social, como em outros tempos, mas para satisfazer os desejos de Oscarina, que não se conformava com a vida pacata e de poucos recursos que levava.

Quanto mais Jorge recebe algum tipo de benefício, como, por exemplo, o êxito no exame que o leva a ser cabo, maior é o distanciamento em relação aos valores e princípios com os quais fora criado. A sua transformação chega ao ápice quando deixa de se chamar Jorge e passa a ser reconhecido por cabo Gilabert:

Aliás, ele achava que Gilabert soava melhor. Gilabert... [...] Sentia-se outro, mais forte, mais homem. Deixou crescer as costeletas. Foi à macumba da Gávea, levado pelo Cumbá, que tinha o corpo ferrado, mandou tatuar o peito com tinta verde e amarela: a pomba voando levava o coração no bico, e dentro do coração a flecha furava o nome adorado – Oscarina (REBELO, 2002, p. 40).

A substituição de um nome por outro demonstra a troca de identidade, já que passou a ser conhecido com a alcunha que lhe foi atribuída nas jogatinas que frequentava. Não foram apenas suas atitudes e o comportamento que se modificaram, mas juntamente com elas também a maneira de andar e se vestir do personagem, que assume uma postura totalmente distinta. Para confirmar essas alterações, além das zonas que já frequentava, passa também a visitar lugares onde se praticava a macumba, além de tatuar o próprio corpo com o nome de Oscarina, dois aspectos que a sociedade não via com bons olhos. Para completar o processo de degradação deste personagem, torna-se ainda um bebedor muito violento, espancando a mulher: “ele perseguiu-a, alcançou-a e bateu-lhe sem dó, cegamente, atirou-a ao chão, pisou-a [...] Ela, porém, chorava, estirada no chão, descabelada, arfando, escondendo o rosto entre as mãos” (REBELO, 2002, p. 41).

Ao término do conto, observamos que o protagonista havia realizado algumas conquistas, pois ao ser promovido conseguiu melhorar os seus vencimentos. No entanto, diferentemente do que se poderia supor, nenhuma dessas mudanças lhe proporcionou o futuro almejado pelos pais e até mesmo por ele, em tempos anteriores, isto porque ao sair de casa e se deparar com os prazeres que o mundo poderia lhe permitir, deixou para trás os costumes, os valores e os princípios e optou por viver de forma libertina e desregrada, culminando com sua total degradação. Do jovem que sonhava em ser independente, nos deparamos com um malandro que, apesar de tudo, parece estar feliz da vida: “ele canta sambas, num berreiro: *A malandragem Eu não posso deixááá...Não deixa mesmo, que a vida para ele é vida de malandro. Ora se... [...] – A vida é boa não é Oscarina? – consultara. – Eu acho*” (REBELO, 2002, p. 47). A esse respeito, Frungillo afirma o seguinte:

De fato, Gilabert parece feliz da vida. Parece levar uma vida alegre. Mas a sua será então uma alegria desesperada. A alegria possível aos pobres diabos que ele e Oscarina são, afinal. Antes de diagnosticar aí uma visão otimista da malandragem, parece mais correto encará-los como exemplos daquilo que Mario de Andrade chamou de “herói fracassado” expressão que se tornou proverbial para classificar as personagens da ficção brasileira dos anos 30 (FRUNGILLO, 2001, p. 42).

De acordo com este autor, a alegria e a felicidade que o casal Jorge e Oscarina sentiram ao afirmar que são felizes não era verdadeiramente de quem conseguiu se realizar, mas corresponde ao sentimento de alguém que, considerando a forma como agiam, não podiam esperar outra coisa. O crítico vai ainda mais longe e afasta a ideia de um final feliz e otimista para os personagens, situando-os na categoria de heróis fracassados, que não souberam viver em uma sociedade competitiva e se tornaram incapazes de agir, ficando a mercê da própria sorte, tipo humano predominante entre os personagens do romance de 30.

Analisando o conto “Oscarina” de uma forma geral, podemos perceber que todo o conto é construído com base no que Candido (2010) entende pelos universos da ordem e da desordem, ou do trabalho e da malandragem. No início tínhamos o núcleo familiar, composto por Seu Santos, dona Carlota e Jorge, juntamente com outros personagens que surgiram no decorrer da trama, como Zita e seu pai, todos vivendo no subúrbio carioca e representando, conforme já foi mencionado anteriormente, o universo da ordem. Mas à medida em que se inicia o processo de degradação do protagonista, quando este começa a se transformar em cabo Gilabert, vemos a descrição de um ambiente totalmente antagônico: em oposição à Zita e o seu amor romântico, temos Oscarina como símbolo do amor carnal e, como consequência dessa relação, ocorre também a negação do modelo familiar e instituição de um novo, que consiste em um tipo de união em que não se faz necessária a formalização através do casamento; em vez do subúrbio, os morros cariocas onde as condições de moradia são precárias, conforme se infere nas palavras do narrador, como, por exemplo, em “Um cheiro de

mofa dominava o quarto” (REBELO, 2002, p. 38); ou quando o casal aluga um barraquinho e Jorge é apresentado “sentado no caixote de querosene” (*Ibidem*, p. 39).

Através da trajetória do protagonista, observa-se muito mais do que um movimento dialético, como propõe Candido (2010), pois há uma convivência entre as esferas da ordem e da desordem, do trabalho e da malandragem, isso porque o protagonista, mesmo quando estava inserido no universo familiar, já demonstrava interesse por uma vida voltada para a satisfação dos prazeres, invejando a vida daqueles que não precisavam dedicar o tempo com livros e podiam frequentar clubes, festas e bares e, mesmo assim, progredir socialmente. Se em *Memórias de um Sargento de Milícias* o personagem Leonardo Pataca sobe à medida que deixa para trás a malandragem e casa-se com Luisinha, Jorge trilha o caminho inverso, pois opta pela desordem e entra em declínio cada vez que recebe alguma promoção ou benefício. A degradação moral em que termina é resultado de suas escolhas, de sua preferência por seguir uma vida libertina e desregrada em detrimento do trabalho.

Conclusão

Mediante o que foi exposto no trabalho ora apresentado e partindo da discussão proposta por Candido (2010) no ensaio “Dialética da Malandragem”, em que analisa o romance *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antonio de Almeida, pudemos perceber que na ficção de Marques Rebelo também há uma “ordem” que se comunica com uma “desordem”. Isso ocorre porque este escritor carioca, ao escolher como personagens os indivíduos que representam as camadas mais pobres e menos favorecidas socialmente, ocupantes das áreas suburbanas da cidade, traz a cena dois universos sociais que convivem lado a lado: o daqueles que procuram viver conforme os valores da ordem social burguesa e o daqueles que não seguem esses valores, transgredindo as leis e os princípios morais, muitas vezes vivendo através de artifícios e expedientes ilegais.

Em “Oscarina”, conto que está inserido em uma coletânea que marca a estreia deste escritor na literatura e que também é intitulado *Oscarina*, essas duas esferas se configuram através da trajetória de Jorge, o protagonista da história. Este personagem foi criado segundo os princípios tradicionais burgueses, dentro de uma família que representa o modelo patriarcal, tendo o pai como o provedor e chefe da casa e a mãe uma dona de casa que vive submissa ao esposo. Contrariando os interesses dos pais, que queriam que o filho obtivesse o título de “doutor”, Jorge abandona a vida de estudante pobre em busca de uma possibilidade de conquistar a independência financeira através do trabalho. Não conseguindo realizar suas pretensões, decide ingressar no Exército.

Ironicamente, foi a partir da saída de Jorge da casa dos pais e de seu ingresso na caserna que o protagonista começou a deixar para trás o universo da ordem. Este personagem mudou os costumes e os hábitos e iniciou um processo de degradação moral, inclusive, rompendo com os planos de casamento com Zita, uma antiga amiga de infância com quem ia casar-se, e passou a relacionar-se com a sedutora Oscarina, cujo nome dá título ao conto.

Portanto, pudemos observar que a própria vida de Jorge representa o jogo dialético da ordem e da desordem, do trabalho e da malandragem ou, dito de outro modo, demonstra a convivência desses dois universos, inicialmente, ao fazer parte da ordem, enquanto pertencia ao universo familiar representado pelos pais e por Zita e, posteriormente, ao optar por uma vida libertina e desregrada, preferindo a valorização dos instintos e dos prazeres e os encantamentos da malandragem em detrimento do trabalho. Assim, ao contrário de Leonardo Pataca, protagonista de *Memórias de um Sargento de Milícias*, que conseguiu subir ao deixar a desordem e casar-se com Luisinha, Jorge, que recebeu a alcunha de Gilabert nas jogatinas em que frequentava, trilha o caminho inverso, tornando-se um bebedor violento que agride

fisicamente a mulher, mas que, apesar de tudo, parece estar feliz da vida, pois sabia que estava colhendo os frutos de suas escolhas.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Manuel Antonio de. *Memórias de um Sargento de Milícias*. 6. ed. São Paulo: Martin Claret, 2012.

BOSI, A. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 43 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CANDIDO, Antonio. Dialética da Malandragem. In: *O discurso e a cidade*. 3 ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro Sobre Azul, 2010.

FRUNGILLO, Mário Luiz. *O espelho partido: história e memória na ficção de Marques Rebelo*. Tese de doutorado. UNICAMP, Campinas, SP, 2001. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000215191&opt=4>> Acesso em: 10 jan. 2012.

REBELO, Marques. *Contos Reunidos*. 2.ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

TRIGO, Luciano. *Marques Rebelo: mosaico de um escritor*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: Prefeitura, 1996. Série Perfis do Rio, 9.